Master Negative Storage Number

OCI00048.04

Confissão d'um fadista

Lisboa

[188-?]

Reel: 48 Title: 4

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCl00048.04

Control Number: BBP-8780
OCLC Number : 07511633
Call Number : W 381.5698 P8382 no. 4
Title : Confissão d'um fadista : seguida d'uma cantiga, As atribulações d'um faia / por um balhão de pé leve.
Imprint : Lisboa : Livraria popular de Francisco Franco, [188-?]
Format : 8 p. ; 18 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/29/94
Camera Operator: AR

BIBLIOTHECA POPULAR
N.º 4

CONFISSÃO D'UM FADISTA

SEGUIDA D'UMA CANTIGA

AS ATRIBULAÇÕES D'UM FAIA

POR

Um balhão de pé leve



LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
60, Travessa de S. Domingos, 60
LISBOA

CONFISSÃO D'UM FADISTA

O *Calçudo* nunca em sua vida tivera ideias de se confessar, mas um dia, ao voltar da *bórga*, já muito *invinagrado*, entrou n'um alambique para tomar uma *rija* que serviria de ponto final á *taxada*, e ouviu a conversação de dois *reverendos* sacerdotes que, não menos *emborrachados* que o *Calçudo*, expunham com phrases empoladas a magnificencia do terceiro mandamento da egreja.

Calçudo, como todos os piteireiros, foi por um momento exemplar christão, arrependendo-se de todos os seus peccados e jurando que d'ali em deante não deixaria de se confessar, ao menos uma vez cada anno.

Foi pois, não sem difficuldade, para casa e pedindo á... *mulher* que o acordasse de manhã bem cedo encaminhou-se para o quarto com tenções de fazer o exame de consciencia. Porém, como ia muito *carregado* em vez de joelhar-se no chão subiu para cima da cama e joelhando-se ahi começava a dizer a confissão, quando um *bórdo* mais forte o deitou a terra indo bater com o nariz n'um vaso que sua mulher deixara junto ao leito. Então desesperado, despiu-se, metteu-se na cama e exclamou:

— O diabo leve a confissão.

O somno chegou logo e passados cinco minutos já o nosso *Calçudo* olhava para dentro dando excellentes notas de baixo profundo que faziam honra ao seu pulmão; isto é, roncava que nem um porco, salvo seja.

De manhã muito cedo foi sua mulher chamal-o, e elle, ao ouvir-lhe pronunciar a palavra confissão, ergueu-se do leito e vestiu o melhor fato que tinha porque, dizia elle:

—Lá os *padrecas* disseram que quando a gente se vae confessar vae para a presença de Deus, e logo por conseguinte deve levar-se a melhor *farpella* que se avesa.

Boa bota, boa meia,
Chapeu largo muito fino,
Gravatinha nada feia,
E calça á bocca de sino.

Jaquetão com alamares,
Cinta azul e posta bem;
Bom charuto, dando-se ares,
De não ser um João ninguem.

Depois de vestido saiu de casa, encaminhou-se para a egreja, e entrando na sachristia dirigiu-se ao sachrista com modos mui reverentes.

Fadista — Ora viva lá, *tiosinho*. Faz favor de me dizer se haverá por ahi algum *padreca* á boa vida que me queira ouvir de confissão.

O sachrista admirou-se bastante da phraseologia empregada pelo *Calçudo* mas inda assim respondeu:

Sachrista. — Sim, senhor. O senhor prior não está cá, mas o senhor cura pode servil-o.

Fad. — Mas olhe lá, se o *gajo* é muito seringador isso é que *nentes*. Eu não vou nada á *bóla* de *padrecas* muito perguntadores.

Sac. — Emquanto a isso pode ir descançado, respondeu o sachrista. Cá o senhor cura só confessa o que a gente lhe quer dizer.

Fad. — Está muito bem. Assim mesmo é que eu gosto dos *typos*. Lá sujeitos que me dêem muito trabalho cá *ó estreito* isso é que *tó carocho* não vou nada com elles.

Sac. — Pois vá o senhor para a egreja, que o senhor cura já lá vae.

O *Calçudo* foi para o corpo da egreja e mal viu chegar o padre chegou-se para o confissionario.

Padre — Ajoelhe-se, disse o cura.

Fad. — Inda mais essa? perguntou o *Calçudo* muito admirado, pondo um joelho no chão.

Pad. — Isso não é posição de se estar perante Deus. Joelhe com os dois joelhos.

Fad. — Oh! com mil diabos. Isso dá-me cabo do *canastro*. Mas emfim como é preciso, cá se dobra a outra *gambia*.

Pad. — Ponha as mãos.

Fad. — Oh! seu padre, vossê não me metta os *butes* nas *aljabras*. Então eu sou alguma creança pequena para estar de mãos postas?

Pad. — Oh! senhor, mas é preciso.

Fad. — Bem, bem, cá está o *sarilho* feito. Mas vamos lá com essa *dróga* para deante, que eu não estou para demoras.

Pad. — Reze a confissão.

Fad. — Olhe, eu já *gostei d'isso* mas agora já não *gasto*. Ah! mais isso é a mesma cousa, faço de conta que rezo. *Tanto faz dar-lhe na burra como na burra lhe dar.*

Pad. — Ora vamos lá. Responda-me a tudo quanto lhe perguntar.

Fad. — Se eu souber, está visto que hei de responder. Agora o que eu lhe peço é que me falle em portuguez. Se começa com *palavras politicas* fico á *divina* e não *dou uma para dentro*.

Pad. — Tem amado ao Creador?

Fad. — Olhe eu não lhe tenho feito nem bem nem mal, porque é *gajo* que não *tosco*.

Pad. — E jurado falso, tem?

Fad. — Isso é como pão. Quando quero pregar algum *palão* aos meus camaradas isso é juras que te *parto*. Tanto me faz beber um decilitro como dizer juro pela minha salvação. O *calor* é sempre o mesmo. Isto de juras é uma *cantata* sôr padre. E a minha velhota é que diz bem. *Quanto mais se jura mais se mente.*

Jura a esposa ser fiel,
Mas é só por um instante...
Jura o padre não peccar,
Mas tem sempre a sua amante...

Jura o ministro ser justo,
Mas da jura pôe-se a rir...
E por isso eu tambem juro
Quando pretende mentir...

Pad. — Sim, senhor, vossê tem um tal mode de se expressar que eu confesso-me vencido. Vamos ao resto. Tem guardado os domingos e festas de guarda?

Fad. — Isso agora é que eu não percebo bem, mas vou responder conforme sei. Se esses domingos de que me falla são aquelles qua vem *estampados* nas folhinhas, lá guardal-os é que me não está na *caixa*, porque quando compro algum almanach, leio-lhe a parte das *piadinhas* bréjeiras e depois rasgo-o porque não tenho *coté* de trapeiro. Agora se é d'outros declaro-lhe que o meu *justo* tem os *tiros* muitos *curtos* e por isso ainda não consegui metter nenhum n'algibeira.

Pad. — Muito bem. Tem sido obediente a seus paes.

Fad. — Lá d'isso é que eu não tenho de que me accuse. Os *velhotes* são pouco rabujentos mas se acaso se *entezam* commigo apanham um par de *lamparinas* e a *questã* fica sempre sem fins desagradaveis. *(E com uma das mãos ia-se apossando da cadeia d'ouro que o padre trazia pendente do peito.)*

Pad. — Matar, já matou alguem.

Fad. — *Infelizmente,* ainda não senhor. Tenho dado a minha *suvinada* mas nunca fiz *espichar* ninguem. Elle é verdade que quando eu atiro um *bérro* a qualquer *gêbo* é logo para o *espalhar* mas tenho sempre tanta sorte que ainda não fiz presente de nenhum ao diabo. Lá do *chilindró* é que eu tenho o meu receio. Lá está-se tambem como cá fóra, mas não sei porque diabo é que a gente fóge sempre de ir para lá.

Pad. — Gallinha de campo não quer capoeira.

Fad. — Diz V. S.ª muito bem. A gente cá fóra sempre *gimbra* muito melhor que no tal *bailique* que vende a *ardóza* cara como burro.

Pad. — Guardar castidade. Tem alguma cousa de que se accuse n'este ponto.

Fad. — Eu já lhe disse que não *guardo* nada. O proprio *gadé* assim como vem assim vae. Gasta-se que é uma *delicadeza.*

Pad.—Guardar castidade quer dizer ser casto. Vossê já seduziu por ahi alguma rapariga?

Fad. — Vossê agora está-me a *entrar em casa. (E como o padre se enclinasse mais para elle tirou-lhe a cadeia e metteu-a n'algibeira.)* Ora diga-me cá, vossê já viu algum faia que não tenha a sua *gaja bôa?* Todos nós fazemos o que podemos. O sôr padre quando veja que uma *pêga* lhe faz frente tambem se *atira* a ella como os *melhores.* Pois a gente é tal qual. Assim que se apanha o osso, trata-se logo de se lhe trincar a carne.

Pad. —Furtar, tem furtado alguma cousa a alguem?

Fad. — N'isso é que me peza muito o sexto. Ainda hojo roubei uma *amarra* de *lôdo* que não vale menos de dois pregos na casa do *pinho.*

Pad. — Pois deve entregal-a a seu domno.

Fad. — E se o domno a não quizer.

Pad. — Guarde-a então para si.

Fad. — Pois eu entrego-a ao senhor cura para fazer d'ells o que quizer.

Pad. — Nada, nada, eu é que a não quero.

Fad.—N'esse caso *chamo-a á muxila* e logo já rende *estilha.*

Vou á casa do Vidal,
Peço *massa* e *massa grossa,*
E vou 'té á Porcalhota
Co'a minha gente da troça.

Comerei bello coelho
Bebo de vinho um almude
E farei a *brezundella*
Bebendo á vossa saude...

Pad.—Não levantar falsos testemunhos. Tem mentido alguma vez?

Fad.—Isso nem se pergunta. E' cada palão que até os anjos lá do ceu se *escangalham* a rir. E quando quero pregar algum *môno*, isso então é mentir sem pezo nem medida. E' á *vontadinha*.

Pad. —Tem desejado a mulher do proximo?

Fad. —Se lhe parece? Ha por ahi cada *burgêsso* que se *atrella* com cada *pêga* que é mesmo um trigo sem joio. Ora quando uma gaja é bôa, *dá-me sempre a conta* cá para o rapaz que não é de todo *pêco*.

Pad. —Bem, bem. E cubiça as cousas alheias?

Fad. —Pois está visto que sim. Em eu vendo um *gajo* de *penante* com grandes *caxuchos* de brilhantes, *amarra* e *palrante* de *lôdo*, digo logo cá com os meus botões, se aquillo fosse meu já hoje conhecia tres domnos.

Pad. —Pois faz muito mal n'isso.

Fad. —A quem vossê o diz. Isso já eu sei há muito tempo, não é preciso que m'o *cantem*. E é por essa razão que quando calha faço o meu *cardanho*. Cá um homem não é *burro* e quando as cousas estão a *pintar* prega-se-lhe um *rombo* bemfeitinho.

Pad. —Vae mal, assim vae muito mal. Está em perfeito peccado mortal. A penitencia tem que forçosamente ser muito pesada.

Fad.—Olhe, sendo em notas não há pezo que me faça ir a terra.

Pad.—Rezará trez coroas á senhora da Conceição.

Fad. —Trez coroas são quinze *ródas*. Sim senhor, no primeiro mosqueiro que encontrar vou logo *resal-as*...

Pad. —Uma estação ao Sacramento.

Fad. —*Estação* ao *Sacramento* é o quartel dos *guitas*; lá com essa gente é que eu me não entendo.

Pad.—E dará trez litros d'azeite ao Senhor dos Passos.

Fad.—Tambem pode ser. A primeira tenda que encontrar fica sem o azeite.

Pad.—Agora vá para casa e reconcilie-se com Deus.

O fadista beijou-lhe a mão e saiu da egreja.

O padre quando o viu sair exclamou:

—E' um louco que se perde como muitos outros, coitado! Mas olhando que lhe faltava a corrente, accrescentou: Não, não é um louco, é um malandro.

ATRIBULAÇÕES D'UM FAIA

MOTTE

Esta vida do fadista
Causa pena, causa dó,
Sempre arriscado á naifada
Ou ir p'r'ó chilindró.

GLOSAS

Muitas vezes sem *coté*
Anda a *flanar* pela rua
Com a carne quasi núa
E a algibeira sem *gadé*
Sempre mettido em *banzé*
Com a policia na pista
Não faz nunca boa vista
Porque é mru o seu trajar
E assim é má d'aturar
Esla vida do fadista.

Quando apanha uma *queixada*
Vem logo para a *ginginha*
E se é preso co'a *sardinha*
Leva parte carregada
Mas se acaso não tem nada
Pelas ruas anda só
E se a algum *gajo* lyró
Elle lhe *trinca o caroço*
Ai depois no calabouço
Causa pena, causa dó.

E só tem por distracção
A sua qu'rida guitarra
Que o faz *piar* como um *barra*
Em qualquer reunião
Quando é *tezo* e é *balhão*
Atira a sua *estalada*
E dando grossa lambada
Faz tudo andar em *siranda*
E é por isso que assim anda
Sempre arriscado á *naifada*.

Tem sempre lérias e *lôas*
P'ra impingir aos *mannegos*
Que caiem como *pategos*
Com amarellas ou c'rôas
Tem sempre *tinegras* bôas
Que lhe sacodem o pó..
Não dá um ponto sem nó,
Mas se o nó fôr apertado
Arrisca-se a ser marado
Ou a ir p'r'ó *chilindró*.